

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA - FOA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA – UniFOA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO

Leticia Cristina Araujo Soares  
Roberta Protta de Oliveira

**A dança como um facilitador à inclusão social da pessoa com  
deficiência.**

Volta Redonda - RJ

2021

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA - FOA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA – UniFOA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

**A dança como um facilitador à inclusão social da pessoa com  
deficiência.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
no Curso de Educação Física do UniFOA como  
requisito à obtenção do título de bacharelado em  
Educação Física.

Alunas:

Leticia Cristina Araújo Soares

Roberta Protta de Oliveira

Orientadora:

Prof. Ms. Andréa Oliveira Almeida

Volta Redonda - RJ

2021

Leticia Cristina Araújo Soares  
Roberta Protta de Oliveira

A dança como um facilitador à inclusão social da pessoa com deficiência.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado no Curso de Educação  
Física do UniFOA como requisito à  
obtenção do título de bacharelado em  
Educação Física.

Aprovado em:

---

Prof. Me. Andréa Oliveira Almeida

---

Prof. Esp. Beatriz Leonora Renno R. Chaves

---

Prof. Me. Thais Vinciprova Chiesse de Andrade

---

Prof. Me. Daniel Alves Ferreira Junior

Volta Redonda, 09 de novembro de 2021.

## RESUMO

Por meio deste estudo, pretende-se mostrar uma forma de inclusão social através da Dança inclusiva compreendendo a mesma como facilitadora na socialização e vivência da pessoa com deficiência, através de sua história e seus diversos benefícios, com um olhar na presença do corpo deficiente em cena e as novas possibilidades de produção artística que o palco pode trazer juntamente com indivíduos que não apresentam nenhuma deficiência. Buscamos a ideia do indivíduo singular em uma sociedade sem discriminação e preconceito onde todos possam ser capazes de praticar a Dança com sua capacidade física, seja ela qual for. Essa pesquisa ocorreu através de pesquisas de livros, publicações e artigos sobre o assunto. Percebe-se que além dos benefícios físicos e mentais, a Dança proporciona um melhor convívio social no cotidiano de seus praticantes, além de ser uma facilitadora na socialização e inclusão social da pessoa com deficiência.

Palavras-chave: Dança. Deficiência. Inclusão.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	8
2.1 História da dança e seus benefícios.....	8
2.2 Educação inclusiva.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2.3 Dança Inclusiva .....	13
3. CONCLUSÃO.....	15
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	16

## INTRODUÇÃO

Vimos por meio desse estudo, abordar sobre o papel da dança e os seus benefícios na sociedade, com um olhar por meio da sua história, pois a dança é muito mais do que a sua própria palavra inspira. Ela envolve música, som, ritmo, movimento, prazer, harmonia, intelecto, conhecimento, descoberta, formação pessoal e, sobretudo Educação para a vida (VERDERI, 2000). É uma atividade realizada desde os primórdios, que sempre trouxe bastante significado e segundo Marques (1999) a dança permite uma integração entre o conhecimento intelectual do aluno e suas habilidades criativas, favorecendo a percepção com maior clareza das sensações contidas na expressão dramática do indivíduo.

Quando olhamos para o indivíduo deficiente e o associamos à dança, podemos ver que os dois podem traçar um bom caminho juntos. Essas pessoas devem estar incluídas na sociedade e a dança pode ser um meio que gera respeito e igualdade, pode possibilitar a integração entre os indivíduos nos processos criativos e interpretativos de dança, trabalhando com a pluralidade cultural. Além disso, pode propiciar aceitação e valorização (MARQUES, 1999).

Visto isso, temos como objetivo falar sobre a inclusão de deficientes na sociedade através da dança inclusiva, mostrando um pouco desse termo e abordando a inclusão desses indivíduos nos palcos como bailarinos buscando a normatização desta prática, pois segundo Teixeira (2010), vários grupos de dança inclusiva foram criados no Brasil e no mundo no início da década de noventa e foram marcos para o surgimento de novos olhares sobre a dança e sobre o corpo deficiente.

Este artigo contará com uma pesquisa de revisões bibliográficas para o embasamento de natureza teórica, visando a coleta de informações e dados referente ao tema, com um objetivo exploratório. Estará dividido com as seguintes partes, a história da dança seguindo para a parte da Educação inclusiva e finalizando com a dança inclusiva; destacando os benefícios da dança para a inclusão social e a deficiência nos palcos, trazendo como vozes

os principais autores: Verderi (2000), Tavares (2005), Antunes (2013), Amoedo Barral (2002), Teixeira (2010), Cone (2015), Oliveira (2017) e a conclusão fecha este estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### **História da dança e seus benefícios**

Ao falarmos de dança não podemos deixar de iniciar com sua história, esta que é uma atividade cultural, passou por várias fases até chegar ao que conhecemos nos dias atuais. Em seus primórdios, teve um papel muito importante que foi a primeira forma de comunicação estabelecida pelo homem através de uma linguagem de gestos, segundo Tavares (2005), existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos e que todos os povos, em todas as épocas e lugares, dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver.

Vimos que a Dança passa por várias diversidades ao longo dos anos, algumas delas foram a adoração aos deuses e sua fundamental presença em ritos, esteve presente no folclore, nas igrejas, já foi estabelecida a ser praticada somente por homens, foi realizada de diversas maneiras como em rodas, individuais, em grupo ou em dupla e com o tempo foi se subdividindo em diversos estilos.

A dança é uma atividade que em todo o seu processo de evolução trouxe entretenimento para toda a sociedade e a capacidade do homem se expressar, é capaz de transcender diversos sentimentos, além de trazer consigo vários benefícios para o desenvolvimento do corpo humano, e como diz Hanna (1987) dependendo de como e porque a dança faz parte da nossa vida ela é o único movimento que traz consigo significados distintos para cada indivíduo. É dotada de objetivos, é intencionalmente rítmica e culturalmente moldada. Ultrapassa as atividades motoras costumeiras, pois reflete valores estéticos. Por ser uma atividade coletiva e lúdica, acredita-se que a dança seja um instrumento de facilitação nos relacionamentos interpessoais, no desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do senso de responsabilidade. Também proporciona benefícios físicos como: aumento da resistência corporal, estética, postura e flexibilidade; além de contribuir para o equilíbrio emocional dentro de um desenvolvimento do indivíduo como um todo

(FARSARELLA, 2008). Quando praticada e estimulada na infância, seus benefícios podem ser ainda mais bem aproveitados pois:

A dança infantil é uma forma de conhecimento que integra por completo todos os elementos constituintes de um ser humano. Nos campos sinestésico, intelectual, social e emocional, as crianças aprendem sobre elas mesmas e sobre os outros por meio da dança. (CONE, 2015)

Segundo Strazzacappa (2001), é o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos. Permite que a criança vivencie a dança através de uma comunicação de ideias e sentimentos e traz a capacidade de descobrir as diversas possibilidades de realizar e modificar movimentos corporais, de utilizar o tempo e o espaço, a fluência, o peso, o ritmo e a formação, utilizar ou não as vestimentas a caráter do que ela estiver demonstrando e principalmente a música. Permite também, em alguns casos, uma aproximação e um aprendizado maior com a sua cultura e até mesmo, a cultura de outro local. Além de permitir que a criança esteja livre para criar e improvisar, enquanto se movimenta, como diz Cone (2015), a dança ajuda a criança a compreender o que acontece em sua vida, assim como na vida de outras pessoas.

O ato de se movimentar sempre foi de grande importância na vida do indivíduo de qualquer faixa etária, Ensinar e aprender a dança é vivenciar, criar, expressar, brincar com o próprio corpo; é deixar-se levar pela descoberta de inimagináveis movimentos (SANTOS, 2003).

Através da inclusão da dança, é possível perceber que esta atividade é para todos, com acesso a todas as classes sociais, sendo assim, a dança não segue como um esporte e/ou uma arte elitizada.

Dando continuidade ao nosso estudo, abordaremos agora a temática da inclusão, assunto que vai de encontro ao direitos dos deficientes na sociedade.

## Educação inclusiva

No Brasil, o Estatuto da Pessoa com Deficiência criou a lei 13.146, entrando em vigor em julho de 2015, em seu Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. O Art. 4º cita que toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação, sendo assim, entende-se a pessoa com qualquer tipo de deficiência tem o direito que executar qualquer atividade e usufruir das oportunidades da vida.

A referida lei, assegura o direito as pessoas com deficiência à inclusão social, assim cabe a sociedade oportunizar essa vivência.

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas. (Art. 27, Lei 13.146, de 06 de julho de 2015).

Do ponto de vista educacional, o processo de inclusão deve ser capaz de atender a todos, indistintamente, sendo capaz de incorporar as diferenças no contexto da escola, o que exigirá a transformação de seu cotidiano e, certamente, o surgimento de “novas formas de organização escolar, audaciosas e comprometidas como uma nova forma de pensar e fazer educação” (OLIVEIRA, 2004, p. 109). No entanto, Oliveira (2004) também diz que se faz necessário criar programas educacionais no sentido de se levar em conta a ampla diversidade de necessidades e características para a operacionalização de um ensino capaz de incluir pessoas com diversas deficiências nas escolas e no nosso cotidiano sem qualquer exclusão.

Partindo do princípio ético da igualdade e respeito, todas as pessoas, com deficiência ou não devem estar incluídas. Infelizmente, sabemos que mesmo com esse princípio de igualdade ainda não é possível garantir total respeito as diferenças existentes, por isso é de suma importância trabalhar a inclusão em todas as esferas da sociedade.

A partir de 1981, com a instituição do AIPD - Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência, pela ONU - Organização das Nações Unidas, iniciou-se uma ampliação gradativa na busca pela melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência. Este processo, fruto de uma série de acontecimentos anteriores, ainda está em curso na atualidade. Com a publicação das “Normas para Equiparação de Oportunidades”, a Arte e a Cultura passam a ser consideradas importantes fatores para inclusão social destas pessoas. (AMOEDO BARRAL, 2002)

No que diz respeito às artes a discussão sobre deficiência ainda se faz incipiente, tornando-se necessário um maior aprofundamento sobre esta questão tão relevante para as recorrentes discussões sobre diversidade e inclusão social. O corpo deficiente só se reconhece nos espaços oportunizados por grupos que adotam o termo inclusivo, e tão pouco se percebem nos espaços midiático-culturais, a não ser quando se trata da veiculação panfletária aos atuais programas federais de inclusão social. (TEIXEIRA, 2010)

Sobre a inclusão da Dança, para todos os tipos de pessoas, precisamos saber do ponto de partida. Assim, diz Arruda (1988) que é importante introduzir a arte do movimento no currículo escolar, nas creches, fábricas, ruas e bibliotecas, e Santos (2003) completa, ou seja, nos diversos espaços educativos, formais e informais, para os diferentes grupos, de forma que todos possam vivenciar e experimentar a Dança, sentir e conhecer a sua própria história e expressar sua emoção. Com essa introdução pode ser capaz de trazer um novo sentido e novos estímulos na vida desses alunos.

A Dança, no caso das pessoas com deficiência, pode ir além da experiência lúdica e sensório-motor, deve promover o envolvimento artístico e criativo que traduza a singularidade da personalidade e da vivência de cada um no meio envolvente (SANTOS, 2008). E quando pensamos na Dança para essas pessoas, vemos que possibilita a integração e a inclusão entre os indivíduos nos processos criativos e interpretativos de Dança, trabalhando com a pluralidade cultural.

Além disso, pode propiciar a aceitação, a valorização e a experiência de que diferentes corpos criam diferentes Danças e de que não necessitamos de um corpo perfeito, segundo os padrões sociais, para nos expressar e comunicar (MARQUES, 1999).

Com isso, nos deparamos com a realidade que ninguém é igual a ninguém. E que ser diferente é normal, assim nos diz (SANTOS, 2008), o significado do que é belo é relativo, e, pensando nessa perspectiva, percebemos que a identidade, a igualdade e a noção do “outro” não importa. A diferença é que traz a riqueza dos inúmeros sabores e saberes.

## **Dança Inclusiva**

Um dos meios que facilita a inclusão na sociedade é a arte, tendo em vista que a Dança além de ser um esporte também é uma arte, e pode ter um papel fundamental nesse caso, quando nos deparamos com isso vemos os projetos existentes sobre a inclusão através da dança, como, a Dança sobre Rodas, Dança Integrada, Dança de Habilidades Mistas, Dança Habilitativa ou Dança sobre Cadeiras de Rodas. Porém, Amoedo Barral (2002) buscou nomear de uma maneira só, pois segundo o autor, para que possa existir uma momentânea diferenciação conceptual no cenário contemporâneo da Dança começou a se chamar Dança Inclusiva aqueles trabalhos que incluem pessoas com e sem deficiência onde os focos terapêuticos e educacionais não são desprezados, mas a ênfase encontra-se em toda a elaboração e criação artística.

Assim, todo esse processo deve levar em consideração a possibilidade de mudança da imagem social e inclusão destas pessoas na sociedade, através da arte de dançar, uma necessidade premente em vários países onde este tipo de trabalho existe.

Segundo Teixeira (2010), a adoção do termo Dança Inclusiva marca o surgimento de companhias que se consagraram por admitir em seu elenco pessoas com deficiência, objetivando um produto artístico de qualidade que atendesse as necessidades da inserção dos bailarinos no mercado da dança.

Devemos olhar para a Dança não apenas como um treino, mas como um processo individual, onde a pessoa seja considerada de forma integral, pois o desenvolvimento que a Dança implica vai para além do espaço da prática, na medida em que exige a transformação do corpo num instrumento de expressão não só no palco, como também no cotidiano, independentemente do tipo de lesão ou do nível de comprometimento do bailarino (Barnabé, 2001).

No âmbito da Dança Inclusiva é crescente a presença de deficientes nos palcos, ainda que possua, por vezes, algumas conotações advindas do período de protecionismo vivido em relação a esta população, que desvaloriza as suas potencialidades, sendo que os estudos sobre a

mesma são relativamente escassos (ZITOMER, 2011). Apesar disso, a Dança é vista como uma capacidade de expressão e liberdade, o que não interfere na capacidade dos deficientes de dançarem, sendo assim, tem ficado cada vez mais distante o fato de excluir qualquer tipo de indivíduo de vivenciar essa modalidade. Segundo Antunes (2013), é importante saber que a presença de bailarinos com deficiência em palco permite repensar novas formas de trabalhar o corpo “ideal” na Dança, contribuindo para uma nova construção social da deficiência. Isso auxilia na construção de uma boa qualidade de vida e de nos enxergar como iguais. Estes bailarinos ao dançar não acrescentam apenas diferença no espetáculo, mas promovem também novas formas de comunicação com o corpo, reinventando normalidades, reinventando formas de ver e fazer, mantendo dessa forma a Dança viva (KUPPERS, 2000).

Além disso, Amoedo (2002) nos aponta que o que realmente interessa é o produto, sendo a Dança como uma forma de expressão artística, e não o fato dos bailarinos terem ou não algum tipo de deficiência.

Ao acompanhar de perto a Roda Viva Cia. de Dança entre outros projetos que incluem esses bailarinos, Teixeira (2010) pode constatar a delicada situação em que se encontram os artistas deficientes nas artes cênicas e em específico no mercado da dança. Ela afirma que a Roda Viva Cia. de Dança é um marco para a dança brasileira, no que se refere ao corpo deficiente enquanto criador. O trabalho desenvolvido por esta companhia repercutiu além dos espaços inclusivos e de grupos terapêuticos influenciando desta feita, o surgimento de inúmeros trabalhos semelhantes por todo o país.

Por fim, vemos que a Dança tem a capacidade de superar as limitações de seus praticantes, seja ele com alguma deficiência ou não. Mas como afirma Amoedo Barral (2002) quando refere que o percurso pela real inclusão terminará quando forem aceites, em qualquer companhia de Dança, bailarinos com corpos diferentes pela sua qualidade artística e quando a diferença corporal que apresentam deixar de ser alvo de estudos, atitudes de espanto e de condescendência e Antunes (2013) completa Nessa altura,

o termo Dança Inclusiva passará aos registos históricos e haverá apenas referência à designação Dança.

## **CONCLUSÃO**

Diante do que foi exposto pode-se concluir que, a Dança tem um papel fundamental na sociedade, estando presente na nossa rotina e fazendo parte do nosso dia a dia. Quando praticada e trabalhada com objetivo de desenvolver aspectos motores, fisiológicos e psicológicos, é capaz de trazer diversos benefícios para seus praticantes, no entanto, quando a utilizamos como meio de incluir deficientes físicos que são excluídos da sociedade, damos a eles a oportunidade desses benefícios.

Além disso, ponderamos que, a Dança pode trazer uma melhor qualidade de vida para os deficientes, além de possibilitar e ajudar o aluno a se expressar com os seus movimentos, permitindo-os a ter uma boa inserção e interação com a oportunidade de vivenciar a vida nos palcos sendo aplaudidos e admirados, sem o olhar de indiferença.

Com isso, concluímos que a Dança além de benefícios físicos e mentais, proporciona um melhor convívio no cotidiano de seus praticantes, trazendo uma forma mais respeitosa de viver em uma sociedade com condições de acesso e permanência a todos, portanto, a inclusão social de deficientes só irá estar completamente aplicada na sociedade quando não precisarmos mais fazer estudos e nomenclaturas especiais sobre os mesmos, sem ver diferença de tratamento e oportunidades oferecida a eles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOEDO BARRAL, J. H. **Dança inclusiva em contexto artístico: Análise de duas companhias.** (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa. 2002.

AMOEDO BARRAL, J. H. **Dança inclusiva em contexto artístico ou dança “por enquanto” inclusiva”** em A. Andries (Ed.), *Cadernos de Textos Educação, Arte, Inclusão*, V. 1, p. 51-84. Rio de Janeiro. 2002.

ANTUNES, A. P., SILVA, C., ARAUJO, L. **A Dança como Fator de Desenvolvimento Pessoal e de Inclusão: Percepções de um Grupo de Dança Inclusiva.** *Rev. Portuguesa de Educação Artística*. Madeira, Portugal, 2013.

ARRUDA, S. **Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana.** PW Gráficos; Editores Associados, São Paulo. 1988.

BARNABÉ, R. **Dança e deficiência: Proposta de ensino.** (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2001.

CONE, T. P., CONE, S. L. **Ensinando dança para crianças.** 3.Ed. -Barueri, SP. Manole, 2015

FALSARELLA, A. P., AMORIM, D. B. **A importância da dança no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes.** *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*. v. 6. ed. especial, p. 306-317. Campinas, jul. 2008

KUPPERS, P (200) “ **Accessible education: aesthetics, bodies and dissability”** em *Research in Dance Education*, 1 (2), 119-131

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** São Paulo: Cortez, 1999.

NOTA, L. “Career guidance for persons with disabilities” em M. C. Taveira, L. Faria, A. Araújo, J. C. Pinto, A. D. Silva, C.C.Lobo, S. Ferreira, M. Carvalho, M. Königstedt, S. Gonçalves, & N. Loureiro (Eds.), **Integração e bem-estar em contextos de trabalho** p. 11-25. Minho: Associação para o Desenvolvimento da Carreira – APDC. 2010.

OLIVEIRA, A. A. S., LEITE, L. P. **Construção de um sistema educacional inclusivo: um desafio político-pedagógico.** *Aval. Pol. Públ. Educ.*, v.15, n.57, p.511-524, Rio de Janeiro, out./dez. 2007.

OLIVEIRA, S. M. S.. **DANÇA NA ESCOLA: uma experiência sob a perspectiva da arte na inclusão e desenvolvimento de alunos surdos.** 138 f. (dissertação de mestrado) Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

SANTOS, E, C **Análise das racionalidades presentes em atividades formais de dança para pessoas com deficiência: Um estudo de casos múltiplos em Salvador – BA.** (Dissertação de mestrado não publicada) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

SANTOS, R. C., FIGUEIREDO, V. M. C., Pensar a Prática 6: **DANÇA E INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR,UM DIÁLOGO POSSÍVEL** 107-116, Goiânia, Jul./Jun. 2002-2003

SORESI, S., Nota, L., F., L., & Solberg, V. S. **Career guidance for persons with disabilities.** em J. A. Athanasou & R. Van Esbroeck (Eds.), International handbook of career guidance, p. 405-417. Dordrecht: Springer Science. 2008.

STRAZZACAPPA, M. **A Educação e a fabrica do corpo: a dança na escola.** Caderno CEDES, v. 21, n. 53, abr. 2001.

TAVARES, I. M.. **Educação, corpo e arte.** Curitiba: IESDE, 2005

TEIXEIRA, A. C. B. **“Deficiência em cena: o corpo deficiente entre criações e subversões”** em **O Mosaico** – Revista Pesquisa em Artes, 3, 1-9. 2010.

VERDERI, E. B. L. P. **Dança na escola.**2. ed. Rio de Janeiro: Sprint. 2000.